

Um foco cinematográfico em Shakespeare, por Fernanda Verdasca Botton

O gênero teatral por diversas vezes foi desvinculado da literatura por ser pertencente a uma fôrma mista, ou seja, para compreendermos realmente uma peça teatral, não basta lermos o texto, precisamos também presenciar o momento de sua encenação no palco. Com o advento do cinema, porém, a efemeridade da representação teatral pôde ser anulada por alguns filmes que, de maneira brilhante, resgatam obras de grandeza suprema e as trazem das luzes da ribalta para as luzes mais duradouras dos projetores cinematográficos ou dos televisores.

Dentre os filmes que conseguem perpetuar o que seria uma digna encenação teatral, cito aqui **Romeu + Julieta** dirigido pelo australiano Baz Luhrmann (mesmo diretor de **Moulin Rouge**). Nesta película, Luhrmann começa acertando onde muitos “ditos autores” de nossa modernidade erram: ele tem a dignidade de colocar, nos créditos iniciais de seu filme, que o criador da obra é William Shakespeare (devemos lembrar que nossas novelas televisivas usam e abusam dos argumentos shakespearianos como se fossem invenções de “nossos pequenos autores”, cito aqui as personagens de Catarina e Petrucchio que, furtados da comédia **A Megera Domada**, habitaram por vários meses a casa global). Mas o acerto do diretor australiano não para neste ponto, como na peça original do dramaturgo inglês, um prólogo é trazido à película para nos contar o que será encenado (no filme, o prólogo corresponde a uma reportagem jornalística a contar como ocorreu a trágica morte dos enamorados Romeu e Julieta). Aos menos conhecedores da literatura, este resumo inicial pode parecer estranho, afinal de contas por que assistir a uma peça (ou a um filme) se já nos é revelado o desenrolar e o final do enredo? Aos que já experimentaram a beleza da arte, a resposta é simples: a imortalidade de uma história está mais vinculada a como ela é contada do que ao que ela conta.

Pensando na grandeza do “como contar”, o filme preserva a musicalidade poética do classicismo e acrescenta aos versos de Shakespeare a sonoridade moderna da *pop music* americana. Além disso, as imagens da película mostram não só como a peça de Shakespeare foi criada mas também um caleidoscópio a revelar como os românticos tinham no drama **Romeu e Julieta** sua fonte de inspiração: o colorido lírico do casal idealizado (com uma Julieta mulher-anjo e um Romeu homem-cavaleiro medieval) mescla-se com as cores extravagantes de deliciosos clowns (com um Mercuccio “*drag queen*” e um Páris misto de *bobo da corte* e astronauta americano); surgem ainda as cores honrosas das lutas épicas (travadas no filme com as “espadas armas de fogo”) e as de um céu redentor que nos dá a esperança (muito mais romântica do que shakespeariana) da vida eterna do casal amoroso.

Sendo assim, aos que querem saber como “*as lágrimas humanas podem contribuir com a umidade do sereno e os profundos suspiros do homem acrescentam mais nuvens às nuvens do céu*”, o filme de Luhrmann é uma excelente porta de entrada à alma poética de Shakespeare.